UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS TECNOLÓGICAS E LETRAS (CCHSTL)
CAMPUS AÇAILÂNDIA
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

JASIANE FERNANDO SILVA DA COSTA
LARA CRYSTINE DE SOUSA SILVA

UMA PROPOSTA PARA RESIGNIFICAÇÃO DO LETRAMENTO: a reescrita como prática de enfrentamento de segmentos sociais oprimidos

AÇAILÂNDIA
2023

C837u

Costa, Jasiane Fernando Silva da

Uma proposta para resignificação do letramento: a reescrita como prática de enfrentamento de segmentos sociais oprimidos / Jasiane Fernando Silva da Costa – Açailândia: UEMASUL, 2022.
54 f. : il.

Monografia (Curso de Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Açailândia, MA, 2022.

Orientadora: Profa. Ma. Daiana Lima de Araújo

1. Letramento. 2. Alfabetização. 3. Reescrita. I. Silva, Lara Crystine de Sousa. II. Título.

CDU 37.014.22:316.454.3

*Ficha Catalográfica elaborada por **Kenilce Reis**– Bibliotecária CRB 13/840*

JASIANE FERNANDO SILVA DA COSTA

LARA CRYSTINE DE SOUSA SILVA

UMA PROPOSTA PARA RESIGNIFICAÇÃO DO LETRAMENTO: a reescrita

Como prática de enfrentamento de segmentos sociais oprimidos

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL para o grau de Licenciatura em Letras.

Orientador (a): Prof. Daiana Lima de Araújo

AÇAILÂNDIA

2023

JASIANE FERNANDO SILVA DA COSTA

LARA CRYSTINE DE SOUSA SILVA

UMA PROPOSTA PARA RESIGNIFICAÇÃO DO LETRAMENTO: a reescrita como prática de enfrentamento de segmentos sociais oprimidos

Monografia apresentada junto ao Curso de Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), para obtenção de grau de Licenciado (a) em Letras.

Aprovado em: 13 / 01/ 2023

BANCA EXAMINADORA

Daiana Lima de Araújo

Prof.ª Me. Daiana Lima Araújo

Mestre em Letras: Linguagens e Letramento

Rafaete de Araujo

Prof.ª Esp. Rafaete de Araújo

Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Documento assinado digitalmente
gov.br WANDERSON DE FREITAS DOS SANTOS
Data: 19/01/2023 16:13:51-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Prof. Esp. Wanderson Freitas dos Santos

Especialista em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Dedicamos essa monografia a Deus, que é o nosso sustento e aos nossos familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por sua bondade, por me dar forças e conhecimento para seguir firme e estar aqui hoje.

Gostaria de agradecer também a minha mãe e meu pai por me incentivarem á me dedicar e continuar estudando e dando o melhor de mim todos os dias, por não soltarem minha mão e cuidarem tão bem de mim em toda essa fase, amo vocês!

Aos meus irmãos: Sophia, Kaleby, Cynthia e Isaias, que são um dos maiores motivos para eu não desistir, vocês foram essenciais em todo esse período de faculdade, amo vocês!

A nossa orientadora prof.ª. Daiana Lima de Araújo por toda dedicação que esteve conosco, sou grata por todo o conhecimento que pude adquirir enquanto estive com ela, ela se tornou uma grande referência para mim.

Aos meus colegas: Luana Lima, Nayra Lays, Nayara Cristina e Paulo Ricardo, obrigada tornarem esse processo o mais leve possível, agradeço por todas as risadas, vocês foram muito importantes.

A minha amiga e dupla de defesa Jasiane Fernando, nós fomos guerreiras, só nós sabemos o quanto nos dedicamos e todas as vezes que nos deslocamos para UEMASUL para produzir. Você foi essencial, sem você não sei se teria conseguido. Obrigada por tudo!

Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, pela rica oportunidade de estar vivenciando esse momento, a graduação de um curso muito importante em minha vida.

Agradeço a minha mãe, dona Vitória Fernando, minhas irmãs, Jaires Fernando e Luana Fernando, ambas graduandas em Letras, foram a minha base pra não desistir dessa caminhada.

Agradeço a minha digníssima Orientadora que esteve conosco nos auxiliando e compartilhando dos seus ricos conhecimentos.

Agradeço aos meus eternos patrões, Tânia Matoso e Dienyson Matoso, por me proporcionar um trabalho que atendesse as necessidades da faculdade, gratidão eterna.

A minha colega de jornada, Lara Cristyne, que esteve comigo nesse momento tão importante e compartilhando, juntas, nossos conhecimentos.

Gratidão!

RESUMO

Este trabalho apresenta uma abordagem do letramento, as práticas da reescrita e a importância dos gêneros textuais, no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar e compreender a contribuição e importância da rescrita textual no processo de aprendizagem da escrita de alunos no seu desenvolvimento escolar, e no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, enfatiza a importância de posicionamentos acerca de pessoas marginalizadas, e subalternas que enfrentam preconceitos e em muitos casos não tem direito a lugar de fala. Justifica-se então o estudo da pesquisa para promover informações e conhecimentos mais abrangentes sobre o letramento, entender que todos que são letrados foram alfabetizados, mas nem todos que são alfabetizados, são necessariamente letrados. O processo de ressignificar o letramento trouxe perspectivas novas quanto a reescrita, que, é capaz de modificar totalmente o método de aprendizagem de qualquer discente. Serão desenvolvidas as concepções sobre letramento como prática social, citando o letramento autônomo e o ideológico, desenvolver a reescrita, fazendo uma reflexão sobre a inserção dessa prática no contexto escolar, especificar os gêneros como modelo didático na instituição escolar, apresentar a interação da utilização da leitura e da escrita na conjuntura educacional e desenvolver atividades voltadas ao letramento ideológico, com o gênero "meme". Portanto, usa-se a metodologia de revisão bibliográfica, descritiva, por meios de livros, artigos e monografias, havendo como pesquisa-ação a turma de 6º ano do ensino fundamental na escola municipal Tânia Leite, onde são concebidas e associadas ação e solução do problema. A pesquisa também será de cunho etnográfico tendo como principal objetivo estudar o comportamento de determinados grupos sociais.

Palavras-chave: Letramento, alfabetização, reescrita, gênero textual, empoderamento.

ABSTRACT

This paper presents an approach to literacy, the practices of rewriting and the importance of textual genres in the cognitive development of the individual. The present work has as general objective to analyze and understand the contribution and importance of textual rewriting in the process of learning the writing of students in their school development, and in the teaching and learning process.. In addition, it emphasizes the importance of positions about marginalized people, and subalterns who face prejudice and in many cases have no right to speak. It is then justified the study of research to promote more comprehensive information and knowledge about literacy, to understand that all who are literate have been literate, but not all who are literate, are necessarily literate. The process of resignifying literacy has brought new perspectives regarding rewriting, which is able to totally modify the learning method of any student. The conceptions about literacy as a social practice will be developed, citing autonomous and ideological literacy, developing rewriting, reflecting on the insertion of this practice in the school context, specifying genders as a didactic model in the school institution, presenting the interaction of the use of reading and writing in the educational context and developing activities focused on ideological literacy, with the genre "meme". Therefore, we use the methodology of bibliographic review, descriptive, by means of books, articles and monographs, with as action research the class of 6th year of elementary school in the municipal school Tânia Leite, where action and solution of the problem are conceived and associated.The research will also be of an ethnographic nature with the main objective of studying the behavior of certain social groups.

Keywords: Literacy, literacy, rewriting, textual genre, empowerment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

2.POR UM CONCEITO DE LETRAMENTO 14

2.1 Letramento Autônomo 15

2.2 Letramento como pratica social 16

2.3 Letramento ideológico 18

3 OS GÊNEROS TEXTUAIS E SUA INTERAÇÃO COM O OUTRO-ESCOLAR 20

3.1 Teorização social do gênero textual 21

3.1.1 os gêneros textuais como modelo didático na instituição escolar 22

3.1.2 Os gêneros textuais como mediador do empoderamento identitário 23

4 A REESCRITA COMO PRÁTICA DE ENFRENTAMENTO DE SEGMENTOS SOCIAIS OPRIMIDOS 26

4.1 A inter-ação do uso da leitura e da escrita no contexto educacional 27

4.1.1 A reescrita e suas concepções 28

4.1.2 O processo de ensino e aprendizagem da reescrita 29

4.1.3 Novos direcionamentos: a reescrita na construção de memorias identitária 30

5. Resultados e discurssões 31

5.1 Contexto e participantes da pesquisa 32

5.1.1 A intervenção e analise dos resultados 33

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 46

7. REFERÊNCIAS 47

APENDICE A – Imagens em sala de aula, na escola Tânia leite 50

APÊNDICE B – Imagens em sala de aula, na escola Tânia leite 50

APÊNDICE C – Imagens em sala de aula, na escola Tânia leite 51

APÊNDICE D – Imagens em sala de aula, na escola Tânia leite 52

APÊNDICE E – Imagens em sala de aula, na escola Tânia leite 53

INTRODUÇÃO

No âmbito escolar a prioridade do ensino nos anos iniciais é o acesso à alfabetização. E diante de um processo contínuo, ou pelo menos compreende-se que assim seja, a construção escolar tendo como pressuposto o letramento é uma estratégia fundamental no processo educacional. Visto que, constitui-se condição essencial na construção de uma educação democrática e inclusiva. Como oferecer um ensino pautado na normatividade e ao mesmo tempo com postulações fundamentadas nas vivências dos estudantes?

O acesso à democracia escolar pode ocorrer no espaço estudantil quando parte da escolarização do estudante é pautada em sua cultura, isto é, seus valores sociais e não somente com base nos conhecimentos socialmente "prestigiados" na sociedade. E como se observa é visível às mudanças a ocorrer no cenário escolar, como por exemplo, o mundo midiático tem a tecnologia, as inovações constantes nesta ramificação. E os estudantes estão utilizando-se dessas inovações como recurso escolar? O meio tecnológico é de fato um recurso perceptível na sala de aula?

Os avanços tecnológicos em toda sociedade podem ser visíveis. No contexto educacional quais estratégias de letramento são aplicadas quanto a prática de leitura e escrita? O ser humano está sempre evoluindo, assim têm-se o uso de aparelhos digitais modernos que facilitam a inserção de novas metodologias de ensino nas escolas. Mas existem contribuições na gestão escolar quanto as TICs[1]?

Com base nestes avanços, os meios e as técnicas educacionais que desenvolvem os conhecimentos estão a se expandir, aprimoram-se em busca de resultados que priorizam o processo de ensino aprendizagem do educando. No que tangem nosso direcionamento de pesquisa: o ler e o escrever. Contudo, somos cientes que as escolas públicas não ofertam um espaço privilegiado de acessibilidade digital. "As escolas públicas brasileiras têm poucos recursos tecnológicos para que possam ser conduzidas algumas atividades pedagógicas" (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2013). Em relação aos estudantes, a maioria não possui aparelhos celulares, e os que tem não possui conectividade, o que dificulta na realização de trabalhos em sala de aula.

[1] TIC – Tecnologias da informação e comunicação são os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, exemplo: softwares e hardwares.

Destarte, a inclusão digital acontece quando todos os indivíduos ou comunidades em geral têm de fato acesso as tecnologias de informação e comunicação e isso precisa acontecer de modo que englobe toda a sociedade.

Desse modo, o corpo docente a cada dia investiga novos meios de facilitar o processo de aprendizagem do educando, e por tais motivos a busca pela expansão da escrita e leitura tornou-se uma constante pesquisa, afinal o ler e o escrever são princípios básicos da construção do conhecimento do sujeito.

O letramento vem com esse objetivo de expandir o conhecimento e de não aplicar a leitura e a escrita só como algo mecânico, mas como algo que irá preparar o indivíduo para ser inserido na sociedade.

E neste viés de estudo, entende-se por letramento o contínuo desenvolvimento do ler e escrever, ou seja, ler e escrever somente, não basta. O estudante necessita compreender, refletir e construir discursos linguísticos. Ou melhor, o sujeito escolar é apto a criticar e se posicionar diante de um texto, ou delegar conhecimentos a outros sujeitos, ou ainda, reescrever um texto anteriormente produzido, pois não atende mais as suas necessidades atuais. Assim, fica claro que o sujeito ser letrado, significa que ele domina seu repertório linguístico em diferentes contextos de uso.

Sendo assim, o letramento preenche todos os objetivos da educação na atualidade, que é ensinar de modo geral, de uma forma abrangente e que aborde as necessidades do educando, dessa maneira, o ensinar e o aprender se pautam nos enredados reais vivenciados pelos estudantes.

Apesar de toda evolução e mudanças constantes do processo educacional, por que os obstáculos quanto a alfabetizar tem se tornado cada vez maior no ambiente escolar? E por qual motivo ainda temos alunos alfabetos funcionais? Existem controversas metodológicas que dificultam o ensino aprendizagem do sujeito em sala de aula? Ou, nossa dificuldade maior no atual momento histórico é por conta das sequelas deixadas acerca da pandemia Covid?

Sendo assim, a pesquisa possibilita pensarmos em diferentes perspectivas acerca do ensino aprendizagem do aluno, contudo, nosso estudo centra seu olhar analítico sobre o letramento e a reescrita, no sentido que consideramos posicionamentos e ferramentas possíveis de serem postas em prática em sala de aula. O papel do letramento em trazer para o meio escolar características linguísticas, culturais e sociais de seus alunos, assim, como contextualizar suas vivências promove uma maior interação cognitiva do conhecimento que Espera alcançar. Assim, como a função da reescrita, que nos possibilita a legitimação do pensar do educando.

Alfabeto funcional – é quando o indivíduo é capaz de reconhecer as letras e os números.

A questão do contributo da reescrita nas postulações do letramento para subsídio do ensino aprendizagem do sujeito escolar evidencia nossa preocupação em ressignificar o sujeito crítico e pensante da sala de aula. O sujeito que por diversas vezes tem sua história apagada ou camuflada em discursos vazios. Quantos alunos têm suas vivências ignoradas sem agregações significativas no ambiente escolar?

Ressignificar o letramento é revelar que nossos alunos são sujeitos capazes de refletir acerca de suas produções escritas. Que o sujeito escolar é apto a dialogar com seu texto e outros textos, sendo capaz de duvidar, crer e questionar o seu e outros saberes. Em virtude disso, a problemática do trabalho recai sobre a seguinte pergunta: o que poderia contribuir para o atraso do aprendizado, se o letramento não for introduzido devidamente na sala de aula? E como a reescrita pode ganhar novas visões no meio escolar?

Destarte, a pesquisa tem como objetivo geral compreender a contribuição e importância da reescrita textual no processo de aprendizagem da leitura e da escrita de alunos no seu desenvolvimento escolar em seu processo de ensino-aprendizagem. E assim, alcançar os propósitos pragmáticos deste trabalho.

Desse modo, a investigação aconteceu com base em alguns pontos primordiais para o desenvolvimento do trabalho: o letramento compreendido como prática social, quer dizer, a teoria na perspectiva ideológica, conceito definido por Street (2014) e que viabiliza a legitimação da reescrita. Assim como, favorecer o trabalho de práticas leitoras e escritoras trazendo visibilidade para as vozes sociais do contexto escolar, logo, um ensino aprendizado contextualizado que favorece aspectos sócio-históricos e culturais do aluno.

Pois, no andamento das atividades desenvolvidas, as etapas entrelaçaram os fatores sociais dos alunos ao contexto escolar. Isto é, na leitura de materiais e aplicabilidade das aulas interativas, tinham-se a pretensão desde o início de propor tarefas que fizesse parte da vivência social do educando e ao mesmo tempo apresentar aspectos linguísticos cognitivos.

Por consequência, a metodologia utilizada teve revisão bibliográfica, descritiva e pesquisa ação e explora diferentes perspectivas para o campo de investigação, destarte, a pesquisa tem sua abordagem de cunho etnográfica, que tem como principal finalidade, observar e estudar o comportamento de determinados grupos sociais, no caso de nossa pesquisa, público escolar estudantes da turma de 6º ano, do município de Açailândia- MA.

Alfabeto funcional – é quando o indivíduo é capaz de reconhecer as letras e os números.

2 POR UM CONCEITO DE LETRAMENTO

Letramento é uma palavra relativamente nova, com potencial a ser chamada de recém-chegada, visto que, a nomenclatura apresenta-se nos estudos linguísticos e na educação na segunda metade dos anos 80, assim as pesquisas acerca do letramento ocupam os estudos direcionados a linguagem, língua, aquisição do ler e escrever e outros quebra-cabeças voltados ao ensino-aprendizado do sujeito.

Destarte, o letramento passou a ser utilizado com o objetivo de entender o porquê dos baixos níveis de alfabetização no Brasil, com o intuito também de entender que a aprendizagem não se resume a uma prática mecânica e não é apenas sobre aprender o código linguístico. Já que, sabe-se que o sistema educacional brasileiro objetiva ensinar aos alunos a ler e escrever, isto é, alfabetizar, garantindo que façam uso social dessas habilidades, ou melhor, o letramento, visto que é necessário ser abordado por todos os estudantes essas duas etapas, não somente reconhecer o código linguístico, mas também, compreender o uso da leitura e escrita enquanto linguagem social e normativa.

E o desenvolvimento do letramento remete a capacidade de saber ler e escrever, de forma, que não seja evidenciado por uma simples operacionalização. Sendo que, o conceito de alfabetização retrata o sujeito que lê e escreve, mas necessariamente, não terá domínio do seu código linguístico nos diversos usos de seu discurso.

Desta forma, o letramento está relacionado ao ato de ler e escrever numa gama de diversidade social, e isso está diretamente ligado ao fato de o indivíduo conseguir, por exemplo, conversar via WhatsApp ou qualquer outra rede social, e de certa forma também ter a capacidade de escrever uma resenha ou um relatório, que são textos mais próximos à norma culta. Nesse sentido o letramento acontece quando o educando possui a capacidade de interpretação, compreensão e é capaz de organizar reflexões independentes do ambiente no qual ele esteja inserido.

Sendo assim, o letramento não se limita a codificar e decodificar palavras, possui vários objetivos, entre eles estão, a capacidade de utilizar de forma adequada a leitura e a escrita nos meios sociais, elaborar discursos, interpretar, compreender textos, favorecer reflexões. Segundo Silva (2018, p. 20), o letramento é considerado uma prática que vai além dos muros da escola, se trata de aprendizados que podem acontecer no ambiente escolar, mas que também está associado a diversas práticas sociais.

Nessa perspectiva, o sujeito precisa muito mais do que conhecimentos básicos para ser letrado e adentrar no meio social. Letramento significa utilizar o conhecimento de mundo

do aluno e associar a ferramentas de ensino aprendizagem ao aprender a ler e escrever, portanto aprender a interpretar e analisar, fazendo com que a percepção sobre determinado assunto seja mais contextualizada, faz com que o indivíduo veja significado no que está aprendendo.

2.1 Letramento Autônomo

De acordo com Street (2014) o modelo autônomo é um conjunto de práticas voltadas para a leitura e escrita, sem a necessidade de estar ligada ao contexto social, neste modelo a relação é subordinada tanto para os indivíduos, quanto para um grupo, de modo extenso e limitado, nas muitas formas de manifestações sociais e onde acontece de fato o uso da escrita. Soares (2008, pg. 45) diz que os indivíduos se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas isso não significa que ele esteja adquirindo capacidade para fazer uso da leitura e da escrita.

Desse modo, esse modelo ignora de certa forma os significados das palavras de fato, é algo mais sistemático, onde o que realmente importa é a leitura e a escrita, independente dos impactos que elas causam. No letramento autônomo não é interessante que os alunos sejam de fato capazes de interpretar e de discutir assuntos importantes, desde que esses indivíduos sejam orientados e capacitados para entrar no mercado de trabalho.

O letramento autônomo é resumido a algo que é automático, algo técnico, esse modelo não atribui importância para as práticas textuais, visando, dessa forma, a aplicabilidade e as características formais da língua. Segundo Street (2014), o modelo de letramento autônomo é abordado:

> [...] como se fosse uma coisa, distanciada tanto do professor quanto do aluno e impondo sobre eles regras e exigências externas, como se não passassem de receptores passivos; usos "metalinguísticos" – as maneiras com os processos sociais de leitura e escrita são referenciadas e lexicalizadas dentro de uma voz pedagógica como se fossem competências independentes e neutras, e não carregadas de significação para as relações de poder e ideologia. (p. 131).

Esse modelo tem como enfoque principal as capacidade e noções de leitura e escrita, fazendo assim com que os indivíduos sejam capazes de obter resultados positivos em tarefas que estejam voltadas para situações em que o letramento é de fato solicitado, a intenção desse modelo é apenas fazer com que o indivíduo se encaixe e seja aceito.

Destarte, entende-se que o que interessa de fato é que o sujeito ou o grupo, mesmo não obtendo um nível significativo de letramento, é que de fato se possua um conhecimento prévio da escrita, essas pessoas podem ser consideradas analfabetos funcionais, que é quando

o indivíduo é capaz de reconhecer as letras e os números, mas sem essa capacidade de interpretação e compreensão.

2.2 Letramento como prática social

Paulo Freire (1989, pg. 90) em sua obra pedagogia da autonomia, explana que: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, não faz sentido conhecer o texto e não entender o contexto, por esse motivo a letramento deve ser trabalhado como uma prática social.

Compreende-se que no espaço escolar o sujeito responsável pela formação e função de educar, é o professor, liderando a sala de aula e realizando intervenção na relação do jovem com o conhecimento e o ambiente, por meio da disciplina. A escola torna-se responsável por dar significados aos conceitos, normas e valores com conscientização em relação aos alunos reforçando a sua autonomia e exercício de liberdade. Porém, existem momentos que esse ambiente escolar não fornece aquilo que é necessário para preparar esse docente para a sociedade.

Como um dos fatores que são ocasionados pelo não direcionamento escolar adequado, que levam as pessoas ao analfabetismo, um desses é o próprio ambiente escolar. Como a falta de motivação por parte do aluno, por não confiarem na sua capacidade de vencer, o atraso em relação a um grupo de alunos mais adiantados, a falta de capacitação do professor em relação a esses alunos, entre outros fatores que acarretam problemas como o analfabetismo**.**

A educação formal iniciou-se no período colonial com a chegada dos jesuítas que promoviam uma educação por todo Brasil, porém diferenciada. Para os indígenas, a catequização, ensinados em escolas improvisadas por eles mesmos, enquanto os filhos dos colonos, uma educação formal, recebida em escolas bem estruturadas. Quando o ensino das letras começou, o país formou uma organização de sociedade hierarquizada pelo acesso a alfabetização. Teria mais facilidade em ser próspero na colônia o indivíduo que desenvolvesse a habilidade ler e escrever. E aqueles que não possuíam esses dois requisitos, os analfabetos eram vistos como incompetente e dependente.

Desde o período colonial, até os dias atuais o analfabetismo caracteriza-se como um problema social, a leitura e a escrita sempre estiveram associadas ao poder econômico, cuja presença ainda se estende por todo o Brasil, apenas uma seleta minoria usufruía dos direitos a leitura e escrita, isto é, durante grande parte da história brasileira.

O ensino por ser essencial na vida das pessoas tem a escola como um ambiente de construção do sujeito, em outras palavras, o espaço escolar precisa ser um lócus significativo

para o aluno. Quer dizer, com práticas educativas que exteriorize as vivências desse aluno, por meio de processos interativos em sala de aula. Pois, nunca se fez tão planos didáticos para o ensino de língua portuguesa como atualmente.

O analfabetismo está associado ao status socioeconômico do sujeito, visto que a sociedade utiliza como pressupostos para ascensão social o outro ter ou não escolaridade adequada. E essa educação é definida inicialmente se o educando é alfabetizado, porém, este sujeito precisa ter habilidades quanto a sua competência leitora e escritora, além de uma mera atividade mecânica da língua.

O trabalho escolar pode ser vivido como prática social, onde contribui para a autonomia dos sujeitos e de suas ações, a escola estabelece uma relação com o mundo coletivo, natural e cultural, uma forma bastante oportuna para associar família e meio escolar, pois não tem como desenvolver algo significativo na rede educacional, sem aproximar ao cotidiano do educando para a produção do conhecimento. Dessarte, a escola promove uma interação entre a instituição familiar e a escola.

O trabalho pedagógico não depende somente da escola, tem total influência do mundo a fora, família, amigos e outros. Ele está em constante modificação, e deste modo, ele pode apresentar resultados muito positivos. Kramer (2001) fala que:

> O trabalho pedagógico é sempre construído e reconstruído, avança e recua, sofre influência da escola e de fora da escola, de nós mesmos e das crianças, não caminha monótono, em linha reta, mas traz conflitos, dá saltos, tem contradições, e por isso mesmo pode ser rico, fascinante, revelador. (P. 144).

Existem práticas sociais que são muito importantes, a leitura e escrita fazem parte, o indivíduo que faz seu uso de forma social provavelmente terá um bom desempenho, porém, esse desempenho não deve ser limitado apenas nessas duas etapas, é necessário que a capacidade de interpretação do código esteja aflorada, exerça e pratique o letramento.

O ensino da linguagem portuguesa nos pressupostos teóricos do letramento ideológico apresenta uma perspectiva contrária ao modelo autônomo, neste caso, à escrita é compreendida e apreciada em uma perspectiva social, na qual a língua escrita tem uma estrita relação com a vida social, valorizando atividade coletiva, com participantes que detém saberes distintos e os mobiliza de forma cooperativa segundo seus interesses e propósitos individuais.

Sem negar a comunidade seus conhecimentos prévios adquirido em suas vivências o professor emprega um ensino contextualizado e não encarcerado nos domínios da normatividade escolar. O professor aparece além das perspectivas orientadas para as habilidades e gramática da língua portuguesa. O letramento ideológico pressupõe um ensino associado aos letramentos sociais.

2.3 Letramento ideológico

O letramento por se aprofundar ainda mais que a alfabetização, no sentido cognitivo, surgiu para atender as necessidades que a realidade social exige. Esse modelo ideológico fala de técnicas de letramentos que envolvem a leitura e escrita em geral, são práticas social e culturalmente desenvolvidas em diferentes contextos (sociedade, cultura, ideologia) e em diferentes entidades (escola, família, igreja, entre outras) que tem por objetivo transmitir conhecimentos aos indivíduos que fazem parte delas, ocasionando em conceitos próprios da escrita para qualquer grupo social. O modelo ideológico não põe como razão e resultado o uso da escrita e a evolução, a condição de ser pobre e analfabeto, pois nele compreende-se que independente da sociedade ser formada por grupos orais ou letrados vão existir fatores de concordância entre as práticas orais e letradas.

O ensino aprendizagem não abrange toda a variedade textual em sala de aula, assim, como também não tem como base para suas estratégias os diferentes contextos socioculturais de seus alunos. Nesse processo, defendemos as ideias de Street (2014) em considerar as práticas leitoras e escritoras a partir dos múltiplos letramentos, em outras palavras, "[...] o que o letramento é para qualquer grupo é o que ele é nos contextos em que é vivenciado." (p.97).

Assim, reconhecemos o sujeito inserido não somente em ambiente escolar, mas associado em conjunturas reais. O modelo de letramento ideológico está ligado às práticas culturais e sociais, e isso tem relação com a abrangência de compreensões de que a escrita pode apresentar independente da circunstância em que ela está sendo utilizada.

Destarte, o objetivo é que o indivíduo consiga se comunicar e interagir em todo e qualquer meio social, seja em uma roda de amigos, na faculdade, no trabalho ou em eventos mais importantes. Afinal, "[...] tem-se reconhecido com frequência que as pessoas absorvem práticas letradas em suas próprias convenções orais ao invés de simplesmente imitar aquilo que foi trazido" (STREET, 2014, p.37), ou seja, através dos seus próprios conhecimentos as pessoas podem desenvolver melhor algumas práticas**.**

Todos os eventos comunicativos resultam em aprendizagem, a escola é apenas uma das muitas manifestações de letramento. O modelo ideológico acontece quando existe uma partilha de ideias, envolvendo princípios pessoais e cotidianos, isso depende bastante do papel social em que o indivíduo desenvolve na sociedade**.** É interessante ressaltar o processo de socialização.

Como se percebe nos fundamentos dessa prática o sujeito em seu processo de aprendizagem em sala de aula, recorre aos conhecimentos que este já possui, retornando à

questão da pluralidade, da diversidade, ou seja, o aluno no mesmo período que utiliza um preceito escolar manuseia outro princípio social. É o educando e suas práticas sociais no uso da leitura e escrita.

O problema corriqueiro na rede escolar é a tomada de consciência da história e aprendizados que o educando já possui e associá-lo a cultura escolar diversificada. É nesse sentido, que as pessoas se tornam capacitadas a realizar tarefas escolares relacionadas ao letramento, só que essas mesmas pessoas não conseguem desenvolver a capacidade de fazer o uso do letramento no dia a dia.

Sendo assim, o sujeito pode desempenhar muitos papéis diferentes na sociedade, e em cada uma das situações ele deverá saber como atuar. Esse modelo tende a buscar as diversas formas de uso da língua, pois, neste caso os motivos pelos quais os indivíduos usam a língua estão ligados aos seus pontos de vista. Desse modo, o letramento é dinâmico e vai depender da situação e do propósito comunicativo escolhido pelo interlocutor, já que tudo depende das circunstâncias em que o indivíduo se encaixa e qual o meio social em que ele está envolvido.

O letramento ideológico não só ensina a normatividade do código linguístico quanto ao ler e escrever, ele também proporciona ao indivíduo maneiras de entender sobre a interação social através de textos escritos. Nesse sentido, esse modelo busca formas de trabalhar o discurso linguístico em diferentes situações, como por exemplo: um professor pode fazer uso de uma música em sala de aula, apresentando-a para seus alunos e pode também a ouvir em casa ou na rua. Este modelo trabalha isso o conhecimento de modo geral.

Dentro dessa prática o sujeito vai desenvolver o seu senso crítico e a partir disso ele vai gerar a capacidade de perceber muitas interrogações sobre valores e poder na sociedade e se tornando então um ser reflexivo, com altos níveis de criticidade e uma melhor capacidade de interpretação.

3 OS GÊNEROS TEXTUAIS E SUA INTERAÇÃO COM O OUTRO-ESCOLAR

Os diferentes gêneros textuais possibilitam a inserção do educando na sociedade, dado que as condições de comunicação reivindicam a aplicabilidade de nossa linguagem em diversos contextos. Pois, é o controle discursivo que colocará o educando num posicionamento social legitimado. Já que infelizmente o código linguístico é sinônimo de poder. Quanto mais domínio você tem a respeito de sua linguagem, mas inserido nos diferentes contextos sociais você será.

A interação dos alunos com a sociedade tem uma grande contribuição dos gêneros textuais, visto que, já que a diversidade textual exerce uma relevância muito grande no ensino de língua portuguesa, na funcionalidade da vida cotidiana, e, as áreas que o abrangem, são incontáveis. Na sala de aula, que é o cenário da educação, o livro didático é visualizado como o principal instrumento utilizado pelo professor para fazer menção ao ensino da língua portuguesa, dentro desse viés está inserido os gêneros textuais. Visando que o aluno tenha de fato seu aprendizado entrelaçado com outros gêneros textuais.

A escola precisa está apta a proporcionar a interação do sujeito escolar, este que compreende e manuseia com facilidade o código linguístico em diferentes ambientes sociais, assim, ele vai estar apto a aplicar a linguagem em seus mais diversos gêneros textuais fora do contexto educacional. Marcuschi (2005, p. 19) refere-se aos gêneros textuais como “entidades sócio discursivas e modelos de ação social incontáveis de qualquer situação comunicativa”. Quer dizer, o aluno ao compreender a diversidade de gêneros textuais que o rodeia, este terá uma inserção com êxito nas inúmeras camadas sociais que compõe a sociedade, pois, sua capacidade de desenvolvimento comunicativo aumenta. De acordo com Silva e Tullio (2016):

> O trabalho com os gêneros textuais da esfera da criação literária levando ao letramento é um grande desafio, pois deve atender às necessidades do educando haja vista o papel da escola que é formar leitores e escritores críticos, ou seja, aqueles que perpassam os limites do texto. Se os educandos não forem capacitados serão cada vez mais massa de manobra, isto é, a pensar conforme o sistema quer. (p. 10).

Em outras palavras, os gêneros textuais são categorias que são utilizadas para diferenciar os textos conforme suas particularidades em relação a um determinado contexto. Essas características do texto que vão de fato direcionar de qual variedade ele faz parte. E ainda, segundo Köche; Vanilda (2015), “[...] o usuário da língua pode valer-se dos que já circulam socialmente, modificá-los ou até mesmo criar novos gêneros com base nos já existentes.” (p.9).

Pode-se, pois, dizer que, cada gênero textual possui suas particularidades, todos têm diferenças e é isso que ajuda de fato no reconhecimento e compreensão de um texto. Mesmo com suas diversidades estruturais e textuais, esses gêneros não possuem uma estrutura fixa e são multáveis. Significa dizer, que podem ser feitas modificações dentro de cada um deles e novos gêneros também podem ser criados, logo, eles estão constantemente evoluindo.

Desse modo, existem muitos tipos de gêneros textuais e eles se diferem conforme os seus objetivos comunicativos e suas diferenças em relação à linguagem utilizada, independentemente de como se configura essas diferenças, a comunicação sempre acontece por meio de um tipo de gênero textual. Logo, verifica-se a relevância de o sujeito dominar e entender o emprego e funcionalidade da heterogeneidade textual. Por essa razão, Marcuschi (2008) considera os gêneros textuais um mecanismo que promove ao sujeito exercer-se como "ser social", já que, eles nos possibilitam "[...] nossa inserção social e de nosso poder social" (p. 162) em sociedade.

3.1 Teorização social do gênero textual

Ao longo da vida do aluno, ele é exposto aos mais variados tipos de leitura, e estas o envolvem em contextos comunicacionais das mais variadas formas. São elaborados diferentes métodos e circunstâncias para criar uma relação comunicativa em comunidade, visto que nesse processo o discurso escrito ou oral pode ser modificado, desse modo é a linguagem, uma ponte poderosa de adaptação e ação. É essa linguagem que o gênero textual também abarca, surgem principalmente, em virtude de dinamizar as interações sociais.

Em termos de linguagem e ensino, há muitos anos é visto a necessidade de pôr o aluno cara a cara com práticas sociais, os gêneros são inumeráveis e estão ancorados em modelos predefinidos que tem relação com o leitor e o interlocutor.

Swales (1990) entende o gênero como sendo o pilar para o acontecimento de eventos comunicativos, ele diz que:

> Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Estes propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (rationale) para o gênero. Estas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e limitam (constrains) a escolha de conteúdo e de estilo. (p. 58).

Os gêneros discutem os propósitos comunicativos e eles compreendem qual a razão e em qual lugar dentro do texto o gênero precisa ser aplicado em relação à determinada situação,

ele vai influenciar e definir qual o conteúdo que precisa ser aplicado e isso está de certa forma ligada ao contexto social, que tem o intuito de trabalhar a comunicação.

Isso quer dizer que, os gêneros textuais precisam também ter essa interação com o outro escolar, e levar em conta questões sociais e a estrutura de criação de um texto analisando todo o contexto em que o educando está inserido e quais seus conhecimentos prévios. Para nesse sentido entender o educando e qual a melhor metodologia e quais gêneros devem ser mais trabalhados para que ele se desenvolva em sociedade consiga fazer uso dentro da sociedade e tenha bons resultados.

3.1.1 Os gêneros textuais como modelo didático na instituição escolar

As escolas atualmente fazem uso do modelo didático tradicional, onde o principal recurso dos alunos é o professor em sala de aula. Machado e Cristóvão (2009) afirmam que o modelo didático de gêneros tem o objetivo de nortear as práticas escolares de produção textual. Esse modelo está ligado ao gênero discursivo, livro didático, levando em consideração todas as suas vertentes.

O livro didático tem função importante na prática escolar, e alcança em seu material, questões de interesses sociais, políticos, econômicos e pedagógicos. Nesse sentido, o ele pode ser compreendido como um elemento no desenvolvimento de atividades pedagógicas trabalhando o processo de práticas de leitura e interpretação de texto.

Trabalhar os gêneros textuais é expor aos alunos a possibilidade de se adquirir conhecimentos diferentes, fazendo uso deles, exemplo: conhecimentos de mundo, culturas, contexto histórico de uma determinada época e outros.

Utilizando uma diversidade de gêneros textuais os professores conseguem bons resultados em sala de aula, deste modo, as aulas tornam-se mais dinâmicas e estimulantes para os educandos. Assim, o educador consegue melhores índices quanto à leitura e escrita, pois este promove uma interatividade escolar entre os gêneros do dia a dia sem uma conexão direta com a normatividade, assim, como o contato com os gêneros textuais que permeia as exigências da escrita padrão da língua portuguesa.

Por isso, Marcuschi sustenta a importância de se priorizar um encadeamento de gêneros textuais e não se centra unicamente aos mesmos e únicos gêneros, pois, “[...] quando se ensina alguém a lidar com textos, ensina-se mais do que usos linguísticos. Ensinam-se operações discursivas de produção de sentidos dentro de uma dada cultura com determinados gêneros como formas de ação linguística.” (MARCUSCHI, 2008, p. 90).

Nessa perspectiva, a linguagem tem um papel importante como mediadora das práticas sociais, voltada para a produção, compreensão e interpretação de textos, independentemente de ser oral ou escrito, isso faz da língua um objeto de estudo importante, sendo assim, igual a qualquer outro tipo de conhecimento a ser ensinado o gênero textual também é algo submetido a um processo de escolarização.

Com base nisso, pode-se perceber que mesmo existindo uma proposta teórica, existe uma necessidade de se ter didáticas metodológicas ensinando a como se apropriar e fazer deste modelo algo acessível nas salas de aula. O modelo didático tende a ser algo fácil de ser ensinado e de fácil compreensão, e compreender os gêneros facilita o processo de ensino aprendizagem.

Os gêneros podem ser modificados com o decorrer do tempo, ou seja, ele pode sofrer uma transmutabilidade, isto é, novos modelos aparecem partindo de modelos que já existem, e isso ocorreu com a chegada das tecnologias e as suas mais arraigadas facilidades, como por exemplo: não ter que pegar caneta e papel para escrever uma carta, quando na verdade você pode enviar uma mensagem de texto pela internet, podendo então, resolver quaisquer que fossem a necessidade dos envolvidos, seja para uma pergunta ou até mesmo para demonstrações de sentimentos.

Essa forma didática dos gêneros textuais tem o objetivo de que todos os leitores tenham uma mesma conclusão, por esse motivo é considerado um texto utilitário, isto é, tem uma linguagem acessível, ligada a seu nível de conhecimento, com mensagens transmitidas de forma clara e com coesão.

A escola tem um papel fundamental nesse processo, pois é nela que o aluno no percurso da aprendizagem, terá o objetivo explícito de ser orientado e instruído com propósitos pedagógicos.

Destarte, o modelo didático está em constante evolução e sempre vivendo modificações que acontecem durante o processo de desenvolvimento. É importante frisar que o modelo didático está sempre em movimento e não é algo que está definido, mas é algo que está em constante estágio de transformação e é um produto de práticas históricas. E o conhecimento dessa história permite analisar e incluir de forma com mais qualidade as práticas escolares passadas e atuais.

3.1.2 Os gêneros textuais como mediador do empoderamento identitário

A educação nunca teve papel tão preponderante como o que tem desenvolvido atualmente, a comparar diferentes épocas e tipologias sociais. Anteriormente, as crianças recebiam direcionamentos escolares com foco maior em disciplinas normativas. Consequentemente, com o resultado de progressos em pesquisas educacionais e avanços tecnológicos, a rede educacional também inovou, e hoje temos um ensino voltado não somente para a normatividade, mas também, para o desenvolvimento social do sujeito por meio de estratégias que entrelaçam os conhecimentos prévios dos alunos aos conteúdos normativos.

Nessa esteira, verifica-se que a escola tem um papel importante e reconhece tarefas no meio educacional com grande relevância para a promoção da formação do aluno para uma vida cognitiva mais ampla e diversificada, arraigada de conhecimentos e saberes abrangentes. Neste sentido, a escola prepara o indivíduo não apenas para o mercado de trabalho, mas sim, para ter um senso crítico e formar opiniões e assim, legitimar-se na sociedade como um sujeito social e que tem lugar de fala.

Assim, os gêneros textuais trazem consigo o conceito de decifrar, entender e esclarecer a materialização dos muitos textos que são utilizados diariamente seja eles por artigos científicos, uma entrevista de emprego, posts na rede social, ou mensagens telefônicas. No livro de Magda Soares, alfaletrar, (2020, p.222) ela explica que “[...] não há gêneros em que os textos são mais completos ou menos completos, qualquer gênero pode se materializar em textos com diferentes níveis de complexidade”.

Neste viés encontra-se a fundamentação que denota ao sujeito a necessidade de se ter domínio de diferentes gêneros textuais. O aluno deve reconhecer e compreender não apenas os gêneros que fazem parte do seu cotidiano, como também, os gêneros que trazem inserção do sujeito ao poder, ao reconhecimento social. Pois, como afirma Gnerre (2001), “a língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um corpus definido de valores [...]” (p.06).

Nesse sentido, novas formas de inclusão das minorias geram uma discussão sobre as possíveis estratégias para a criação de mecanismos que permitam o alcance de um nível maior de letramento aos indivíduos, o que de certa forma ocasionará também dignidade pessoal e posicionamento social de prestígio na sociedade.

Conforme dito, com esta orientação busca-se a construção de uma identidade dinâmica e consolidada em prol da distribuição de poder entre indivíduos e grupos sociais em proporções equivalentes, assim, com os respectivos direcionamentos todos os sujeitos escolares englobaria o reconhecimento de si como ser empoderado de sua língua e cultura.

E para alcançar o empoderamento escolar é necessário ter uma série de ações educativas quanto ao ler e escrever desenvolvidas constantemente para que esse indivíduo tenha para si o reconhecimento como sujeito social, isto é, um sujeito com capacidade e competência inclusa dentro de uma esfera educacional e posteriormente apta a evoluir em sociedade.

Empoderar no ensino e aprendizagem vai muito além de um termo já existente ou que está na moda, empoderar utilizando os gêneros textuais é criar uma identidade que dialoga com a diversidade linguageira existente em nossa língua portuguesa. É ser um sujeito apto a ler e conseguir utilizar seus aprendizados, ou produzir desde um bilhete até um TCC de uma graduação.

Com efeito, as pessoas subalternas sobrevivem na margem, sem ter seu lugar de fala oportunizado. Ao passo que a escola é um mecanismo para promoção de práticas de letramento e assim, um meio que possibilita a ascensão do sujeito escolar enquanto conhecimento normativo e sociocultural, quer dizer, a escola constitui-se como um espaço que oferta processos sociais linguísticos que torna possível reconhecer, compreender e aplicar o código linguístico em diferentes esferas sociais.

O sujeito subalterno na definição de Spivak (2010) é aquele pertencente "às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (p.12). Nessa linha de pensamento o subalterno passa a narrar-se a si mesmo, para que possa trazer a sua contribuição social, pois ele tem uma contribuição a oferecer, é importante que o sujeito fale de si, conte sua história a partir do seu lugar de fala e do seu ponto de vista, pois essa subalternidade é expressa justamente no comércio e na produção de riqueza.

Sendo assim, os gêneros textuais cumprem caminhos da comunicação diversa, no qual deve se fazer presente na vida de qualquer indivíduo, para que ele não venha ser subordinado, nem tão pouco tenha a exclusão de sua voz.

Logo, o empoderamento não é apenas um termo contextualizado, é algo que pode ser colocado em prática, assim, não beneficia apenas um indivíduo, e sim o coletivo, visto que estando em meio a uma sociedade, não há como se empoderar sozinho, sem ser influenciado de alguma forma pelo outro. O empoderamento é algo indispensável para o aquele que quer ter um pensamento crítico, principalmente dentro da escola, para o desenvolvimento cognitivo e social.

4 A REESCRITA COMO PRÁTICA DE ENFRENTAMENTO DE SEGMENTOS SOCIAIS OPRIMIDOS

O feito de saber ler e escrever torna-se uma grande competência, fundamental para escrever os nossos direitos e desfrutar de saberes pelo homem que conduzem o espaço cultural. E assim, temos a reescrita como ferramenta que trará oportunidades ao sujeito que costuma ficar à margem em desenvolver o seu pensar sobre sua própria produção. É o repensar de sua linguagem, visto que, esta metodologia oportuniza o aluno a ser crítico e a ter um ensino aprendizagem com êxito.

A leitura é como um seguimento cognitivo fundamentado em modelos sobre como as informações são verificadas: seja o material linguístico (percepção das letras) ou também a utilização do conhecimento guardado na memória, o que entra em associação e é definido por Antunes (2009):

> [...] do ponto de vista do interpretante, a expectativa de que aquilo que é dito faz sentido encaminha a busca das possíveis ligações entre palavras, sentenças, parágrafos, e, ainda, entre blocos supra parágrafos. Nem nos damos conta que, se procuramos entender o que o outro diz, é porque acreditamos que, de fato, há um sentido que ele diz (p. 81).

Assim, o simples fato de reconhecer e ler um texto, não significa que o aluno irá compreender o discurso escrito. Por isso, existe a necessidade desde os anos iniciais de ter a preocupação em aplicar a alfabetização e os letramentos sociais (Street, 2014).

Noutras palavras, o docente necessita orientar seus alunos ao caminho do letramento e da reflexão (a reescrita, no caso de nossa pesquisa). Podemos citar como exemplo, o trabalho com gêneros textuais de convívio dos alunos para aplicações das competências leitoras e escritoras, e posteriormente, inserir gêneros textuais que estão presentes nas exigências escolares.

Nesse sentido, o professor pode trabalhar textos escritos de outros autores encontrados na rede digital e oferecer espaço para o aluno modificar o material escrito caso o educando veja necessidade na mudança. Como uma das atividades desenvolvidas em nosso estudo, em que o aluno teve contato com memes do espaço virtual e numa sequência de direcionamentos tiveram que realizar outras leituras – produzir um novo texto (linguagem verbal) para a linguagem não verbal que deveria ser mantida.

Por esse fato, a reescrita apesar de ser uma estratégia tradicional, ela requer do educando mecanismos de apropriação de autonomia e reflexão do código linguístico. Pois, ao produzir um texto, o educando se o engavetasse nada teria de contribuição acerca de seu

discurso produzido. Porém, se um texto inicialmente escrito por ele ser direcionado a possibilidade de mudanças ou avanço na escrita ocasionará no sujeito a reflexão sobre o código linguístico. E no desenvolvimento da estratégia o educando será posto a crescer quanto a sua aprendizagem.

A reescrita como prática para se enfrentar os segmentos sociais oprimidos visa ofertar ao sujeito novas perspectivas quanto a narrativas fixas que carregam preconceito social, ou linguístico, entre outros a ter outros roteiros escritos. Como também, oportunizar alternativas a frente de textos produzidos pelos estudantes que de alguma forma precisaria ser reescrito para alcançar um nível de compreensão adequado.

Assim sendo, "[...] o sujeito que escreve é também o que comenta o que escreve, critica o que escreve, mostrando uma multiplicação de papéis do escritor: o que escreve, o que lê, que se comenta, que se autocensura, que reescreve" (FIAD, 2006, p. 33). Isso quer dizer que, a classe oprimida terá viabilidade a sua emancipação na busca pelo pensamento crítico, para que possa entender qual é o seu papel e sua real condição social, pois, o indivíduo alcança sua autonomia, indo na busca de uma melhor estrutura textual.

Destarte os opressores passam a não ter poder sobre os oprimidos, dado que o seu grau de conhecimento é compatível com o outro, é nessa força e união que Paulo Freire (2017), diz que essa luta só seria possível se a situação de denominação fosse extinta.

Assim nesta fala, é importante salientar, que, o opressor está confortável no seu papel que foi destacado, logo, para ele sair de cena, o oprimido tem que assumir seu papel de pensante, assim manter no controle os oprimidos, não será mais agir como se carregassem um troféu, e sim, a inversão dos fatos.

4.1 A inteiração do uso da leitura e da escrita no contexto educacional

A evolução da leitura e da escrita tem como objetivo a apreensão de informações e construções de sentido da mensagem, então não se pode dizer que essas duas vertentes são um simples ato de reconhecimento das palavras, uma vez que promove reflexão e um raciocínio claro.

Neste sentido, quando se aprende a ler ou a escrever, o indivíduo tem contato com a possibilidade de conhecer e analisar os feitos humanos através da escrita. Então no contexto educacional o educando já deveria desenvolver de fato essa habilidade de se comunicar e compreender o outro.

Quando se pensa em ensino da língua portuguesa, no âmbito escolar, é considerável trazer em pensamentos, e tornar importante a articulação sobre o que se entende por concepções da linguagem, visto que, para escrever bem é preciso ter uma leitura assídua, nessa perspectiva o que é linguagem? Os autores Munizzi e Fachim (2012) afirmam que:

> A linguagem é um fenômeno humano e, por conseguinte, está intrinsecamente relacionada com práticas sociais. Consequentemente, quando perguntamos pelo significado, é fundamental considerarmos o que as pessoas estão fazendo quando usam a linguagem. A forma de linguagem é determinada pelo emissor que por sua vez transmite ao receptor sua mensagem (p. 2).

Assim sendo, a linguagem tem um papel de construção histórica e social, em que ao longo dos tempos, vem-se aprimorando e ressaltando a comunicação, a língua tem uma vivencia, pois consegue se modificar através das relações entre os indivíduos, com avanços que significam coisas positivas, nessa concepção de linguagem, a leitura estimula a criatividade e a imaginação, ela transporta a criança a uma realidade diferente da dela, a melhor forma para o aluno gostar de ler, é demandando tempo a leitura, desenvolvendo um tempo especial para que isso passe a ser feito.

4.1.1 A reescrita e suas concepções

A escrita é a solução de um trabalho realizado pelos copiadores, aquele ou aquilo em que se copia, seja ela na escola, ou em diferentes situações sociais em que acontece. É difícil imaginar a escrita sem a reescrita, muitas vezes a reescrita está associada ao erro ou desconhecimento do escrevente, mas ela os permite conhecimento sobre a língua e uma melhor produção. Sobre a reescrita, Fiad (2006, p.37), diz que: a reescrita de textos é muito mais efetiva quando o professor age, junto aos alunos, ensinando-os a trabalhar sobre seus textos escritos.

O objetivo da reescrita é justamente transformar aquilo que não estava potencialmente bom, para algo eventualmente bom, o ato de reestruturar essa escrita, é o que traz diferenças no ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, além de trabalhar a leitura, a reescrita ajuda no desenvolvimento e no aprimoramento da escrita.

A reescrita não está para constranger alunos, ou fazê-los passar insegurança, e sim, somente para o professor revisar o que foi escrito, ou limitar-se a adequação dos usos de gramáticas, ou ortografia, também não é para tornar-se um padrão escolar, mas ela vem carregada de significados, onde o aluno possa ser capaz de criticar sua própria obra, não se limitando a mesmice, mas sim, crescendo e atingindo o sujeito linguístico esperado, provocando

assim mudanças no próprio aluno que pensa, ler e escreve, dando vez ao letramento, uma vez que, agora ele tem discernimento e competência na sua escrita.

O processo de reescrever o seu texto, faz com que o que antes o aluno não percebia, agora ele possa verificar e analisar, pois o texto vai se transformando em um novo texto, portanto quanto mais o autor do texto escreve, mas ele pode afirmar que o texto se modifica e ganha novas identidades. Assim, como o domínio da própria escrita e habilidades para o desempenho textual.

Essas concepções da reescrita é objetivada para que os alunos desenvolvam atitudes críticas em relação à produção de seus textos, baseado nessa produção, o método utilizado é a revisão, pois com este método o aluno consegue fazer uma boa diferenciação do que é passar a limpo, e o que é revisá-lo, pois será revisto pelo professor.

Destarte, Bakhtin (1997) explica sobre o encontro do "eu escritor" comum "reescrito", onde o aluno não é apenas um mero receptor, não guarda o que ouviu ou recebeu do seu texto, mas coloca como ação para melhoria de seus conhecimentos, isso que ele denomina como "cadeia da comunicação verbal", o educando consegue verificar o antes e depois do seu processo escrito, identificando informações no texto que antes era alheia a ele.

Portanto a faz se necessário entender que o aluno não vai apenas receber alguma informação e guardar com ele, mas vai pôr em prática e exercitar de forma que, o seu processo na escrita tenha evoluído, mantendo-se em sua inspiração natural, mas melhorando-a para que ela tenha mais identidade, e com critérios que foram passados pelo professor.

4.1.2 O processo de ensino e aprendizagem da reescrita

A reescrita não é algo muito observado nas escolas atualmente, normalmente os alunos fazem textos corridos, entregam aos professores e pronto. E posteriormente é feita a correção sem nenhum direcionamento acerca de reescrita daquele material escrito pelo aluno. Existe uma grande diferença entre correção e reescrita.

Quer dizer que, neste sentido a correção vai apontar os erros ou mudanças que serão necessárias, para que aconteça de fato um aperfeiçoamento no texto escrito pelo aluno. O ato de reescrever deveria ser visto pelos professores e pelos próprios alunos como algo essencial e de suma importância, pois é nesse momento que de fato o aluno vai perceber e entender o que precisa ser revisto e onde ele pode melhorar, em aspectos de escrita.

Destarte, a reescrita não vai ajudar apenas em questões de escrita, mas vai possibilitar melhorias em outros aspectos como, por exemplo, na fala, vai ajudar em questões

orais, na pronúncia e escrita correta das palavras, entre outros. Influência também na reflexão e autonomia do código linguístico, a reflexão linguística está ligada a reescrita do texto feita pelos educandos para construir as habilidades de leitura e escrita e desenvolver conhecimentos sobre a língua portuguesa, é através disso que o indivíduo vai adquirir autonomia.

Neste sentido, o ato de reescrever vai ajudar o aluno a organizar os aspectos do texto que sejam formais e gramaticais. É importante também refletir e analisar a sua primeira escrita para que aconteça então por parte desse aluno certo amadurecimento linguístico.

Isso tudo possibilita ao aluno ter um olhar mais crítico sobre suas próprias ideias, e permite que ele faça a sua autoavaliação, esse processo faz com que o educando tenha um novo ponto de vista sobre seu próprio texto, assim ele vai ter uma visão diferente sobre detalhes que antes ele não tinha visto.

A reescrita é um importante instrumento para a aprendizagem e deve ser mais utilizada para que faça parte desse processo de escrita textual e se torne algo frequente, pois é muito difícil atender a todos os requisitos e questões na primeira versão de um texto. Neste sentido, colabora Secundes (1997), confirmando que: “[...] partindo do próprio texto, o aluno terá melhores condições de perceber que escrever é trabalho, é construção do conhecimento, estará, portanto, mais bem capacitado para compreender a linguagem, ser um usuário efetivo, e, consequentemente, aprender a variedade padrão e inteirar-se dela” (p. 89).

Sendo assim, é difícil imaginar a escrita sem a reescrita, pois as suas correções ortográficas que fazem toda a diferença, viabiliza o aluno a melhorar gradativamente, com as alterações que o professor fez. Além do que, o fato de haver as correções, provoca no aluno uma conexão maior com seu texto e um relacionamento mais interativo.

4.1.3 Novos direcionamentos: a reescrita na construção de memorias identitária

Memoria identitária é um componente do sentimento de ter uma identidade, é algo muito importante para o indivíduo crescer no âmbito pessoal e adquirir coerência nas suas falas e na sua escrita. E é nesse sentido que a reescrita traz benefícios.

Para que possam ser construídas as práticas alternativas, tendo em vista o ensinar a escrever, é muito importante que as inúmeras dificuldades encontradas nas escolas, como por exemplo, a educação básica de qualidade baixa, passe por uma reforma, e os alunos comessem a produzir dentro das expectativas que a reescrita contempla. Expectativas essas, que constroem textos mais precisos, mais explicativos, e um auto entendimento compartilhado. Como bem diz freire (2001):

> Aprender a ler e escrever se faz uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. (p. 59).

Nessa perspectiva, construir um alicerce na prática da escrita, para que sejam atribuídos sentidos na escrita do aluno, levando-o a refletir, a criticar, e usar isso ao seu favor, na construção do seu caráter, e atribuir significados.

A reescrita, neste sentido, pode ajudar no desenvolvimento e na construção da identidade do educando, a partir disso o aluno vai poder traçar seus próprios caminhos e desenvolver memórias. A motivação por parte dos professores para que os alunos criem o hábito de escrever, vai influenciar e fazer com que isso se torne algo frequente.

Destarte, Guimarães (2001, p. 37), um indivíduo bem-motivado está frequentemente buscando novidades para desenvolver novas habilidades e obter domínio sobre elas. Nesse processo o indivíduo consegue desenvolver tarefas desafiadoras e se satisfazer com isso, alcançando de fato o seu objetivo dentro do próprio processo. A reescrita age dessa forma ajudando o educando a criar sua própria memoria identitária.

Tanto Possenti (1996), quanto Geraldi (2006) consideram o texto produzido pelo próprio aluno como matéria prima do estudo da linguagem e sugerem atividades práticas que articulem o ensino em sala de aula com a concepção interacionista da linguagem. Ou seja, dentro desse método de ensino e educador vai aplicar práticas que levam seus alunos a ter uma melhor interação linguística, pois essa prática trabalha o indivíduo para se expressar melhor, escrever e falar de forma que todos compreendam.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A rede escolar poderia ser inerte aos estereótipos conservados diariamente pela sociedade, porém, o que encontramos em sala de aula é um ambiente nutrido por ações que exterioriza práticas de preconceito. Nessa perspectiva, é comum ter nas escolas ações vivenciadas desprestigiando o outro por ser diferente, em outros termos, temos alunos constituídos com cargas pejorativas por não se constituírem dentro de tal normalidade ditada como padrão pela comunidade, Berth (2018) contextualiza que:

> Outras são as barreiras estruturais no efetivo processo de conceituação, disseminação e prática do empoderamento a grupos oprimidos a do conhecimento aqui entendido sob alguns aspectos. Um dos contextos é o projeto político de educação pública de base que é sucateado historicamente no país em favorecimento da mercantilização da educação, barreira importante para a formulação da consciência crítica (p. 44).

Por esse fato, o aluno tem a tendência a interromper seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. Visto que, sua narrativa e identidade são alvos de rótulos. Logo, suas práticas sociais são direcionadas ao abrigo da invisibilidade. Por esse ângulo, a proposta das atividades aplicadas na intervenção busca desenvolver não somente as práticas de leitura e escrita do aluno, mas também, oferecer ao sujeito representatividade enquanto sujeito pertencente a uma escola, Berth (2018), explica que "Não é possível formar um pensamento crítico completo, em qualquer área do conhecimento, negando os apagamentos e exclusões fomentadas ao longo da nossa história" (p. 51).

Pois, acreditamos que a construção de um sujeito crítico se inicia no âmbito escolar, com isso é preciso que o sujeito seja alicerçado a uma excelente base curricular. Documento este a ser constituído com orientações que reconheça a diversidade do sujeito e assim não o prive de sua identidade cultural ou linguística. Fator este pensado sobre a aplicação do gênero textual "meme", visto que, é um gênero midiático presente no dia a dia dos alunos e vivenciado constantemente na rede escolar.

Nesse sentido, a proposta das atividades incorpora em suas estratégias fortalecer o sujeito diante de suas fragilidades e ao mesmo tempo, promover a prática de leitura e escrita.

Dessa forma o espaço escolar torna-se um ambiente de aconchego e potencialidades previstas. Pois, abordar textos de suas vivências e vulnerabilidades viabiliza a construção de um sujeito que assume o outro com equidade diante de suas assimetrias. Assim sendo, assegura-se o lugar de fala do outro e de todas as vozes abafadas pelo preconceito hostil de uma sociedade apartada por ideias unilaterais.

5.1 Contexto e participantes da pesquisa

A contextualização e aplicação da pesquisa ocorreram na escola municipal Tânia Leite, localizada no bairro Jacu, em Açailândia-MA, uma escola com um amplo acolhimento e afetividade. A turma onde foi realizada a pesquisa foi no 6° ano do ensino fundamental, turma essa que nos recebeu calorosamente e com muito carinho, classe formada por alunos pré-adolescentes entre 12 e 14 anos de idade. A escola foi escolhida por fazer parte da nossa realidade como pesquisadoras e futuras formadoras, uma escola municipal.

A ideia do tema analisado foi justamente para fazermos uma pesquisa e análise, considerando muitos alunos com complexos intelectuais e afetivos voltados por práticas de cunho pejorativo. A escola funciona em tempo integral, quer dizer, desenvolve atividades voltadas para as disciplinas da BNCC, assim, como também fazem parte de seu rol de aprendizados, as disciplinas diversificadas, programa com intuito de desenvolver no sujeito, por exemplo, perfil protagonista e consciente de seu papel estudantil, ou seja, que o sujeito reconheça suas capacidades e habilidades. E ainda dispõem de momentos voltados para alimentação, brincadeiras e descanso dos estudantes.

Nossa pesquisa configura-se como uma pesquisa-ação de cunho etnográfico, visto que, teve uma intervenção com atividades e orientações a envolver os sujeitos escolares, assim, como a participação das pesquisadoras nas ações desenvolvidas. Esse posicionamento33é enfático na fala de Thiollent (2009), ao abordar o assunto "[...] uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação" (p. 17).

E quanto a isso, uma pesquisa etnográfica tem como principal objetivo estudar a cultura e o comportamento de determinados grupos sociais. Ela é desenvolvida na antropologia e descreve e interpreta ou explica, o que um indivíduo faz em certo ambiente, seja em sala de aula ou em outros lugares, ela objetiva entregar o resultado das interações com o meio e entender o que está sendo feito. Como se pode observar no discurso dos autores Lüdke e André (1986):

> O uso da etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto amplo. Da mesma maneira, as pesquisas sobre a escola não devem se restringir ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola (p. 14).

Assim sendo, o desenvolvimento da pesquisa tem como principal foco colocar o sujeito escolar num posicionamento de autonomia quanto aos conhecimentos voltados ao ler e escrever, assim como, ser autônoma quanto a sua identidade, ou seja, ter percepção de suas

capacidades e habilidades, assim, compreender as possibilidades que o cerca como realmente possíveis.

Isso significa afirmar que o trabalho busca desenvolver novas perspectivas, conscientização diante de grupos específicos pesquisados, gerar novas soluções que resultem em melhorias na rede escolar quanto ao ensino aprendizagem, quer dizer, esta investigação baseia-se na coletividade da autorreflexão.

5.1.1 A intervenção e análise dos resultados.

O primeiro momento em sala de aula se desenvolveu com as nossas apresentações aos alunos, para eles terem conhecimento do nosso objetivo no local, ao passo que pedimos para eles se apresentarem também. Inicialmente, alguns ficaram tímidos, porém, todos falaram seus respectivos nomes para melhorar o nosso diálogo, criar vínculos, afetividade e conseguir resultados em sala.

Posteriormente, desenvolvemos uma roda de conversa sobre bullying e estereótipos perpassados no meio social. Durante as conversas verificamos nas falas dos alunos alguns conhecimentos sobre o assunto, pois, na escola determinados professores abordavam a temática no estudo acerca da Consciência Negra.

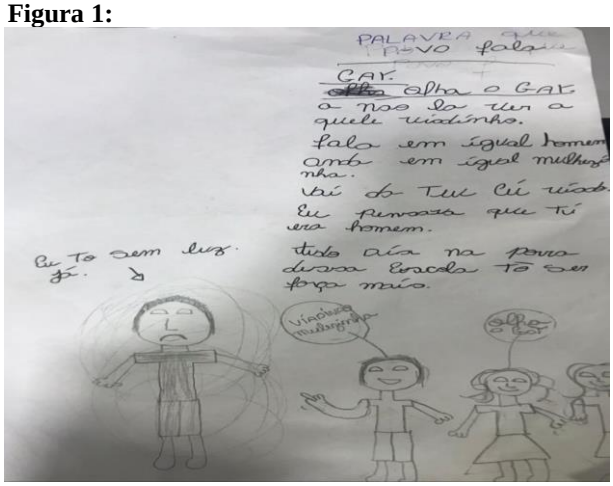
Por este fato, os alunos estavam por dentro de alguns conceitos, posicionamentos sobre o assunto, e até dialogaram com relatos de experiências suportados por eles por conta de posturas preconceituosas por parte de alguns colegas.

A primeira atividade desenvolvida após a socialização inicial, e aproveitamos para fazer uma dinâmica intitulada por nós, como “Meu desenho, meu sentimento”. Momento de liberdade ao aluno para expressar suas emoções e anseios naquele instante através de desenhos e imagens – recortes. Período apropriado para que os estudantes dialogassem sem medo da exposição, já que, na produção artística, eles depositaram em um papel tudo que muitas vezes a boca não consegue falar.

Assim, na nossa primeira atividade já percebemos que alguns alunos sofrem específicos tipos de discriminação. Na figura 1 já notamos não somente pelo uso do desenho, mas por conta também do discurso escrito, o sofrimento que este vivencia diariamente. Este aluno em particular por conta de ter realizado no passado a cirurgia “quiroplastia” que corrige a fissura labial ficara com cicatriz da mesma e tal aspecto piora os acessos ao bullying, e ainda de acordo com o aluno sua voz por ter um tom mais agudo e baixo faz com que os colegas o associem também como alguém homoafetivo.

O que podemos visualizar na imagem abaixo. A representatividade dele é a indignação e o seu sofrimento por tudo que tem passado. E como se verifica a escrita dele é com base em sua oralidade, em que em momentos posteriores os professores em atividades individuais e coletivas poderiam retirar os principais desvios realizados pelos alunos e promover atividades interativas para a turma como um todo, sem especificar este ou aquele como detentor do "erro".

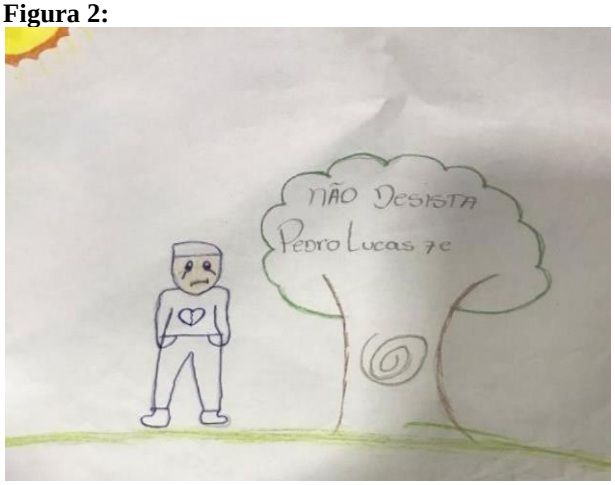
Figura 1:



Fonte: Lara Crystine (2022).

Verifica-se, que ao analisar as produções dos alunos a rede escolar precisa oferecer além do direcionamento quanto aos conteúdos normativos, orientações acerca da aceitação de ser quem você é, e respeito para com o outro diferente de mim. A maioria dos desenhos e textos escritos traz uma preocupação para os professores, as crianças estão com certa dificuldade para se encaixar e para conviver em sociedade. O que reflete a padronização que a sociedade exige como perfil social. Eles retratam lágrimas e dificuldades que eles enfrentam no dia a dia, ou retratam o sofrimento de um colega, assim, poucas crianças de fato retrataram momentos felizes.

Figura 2:

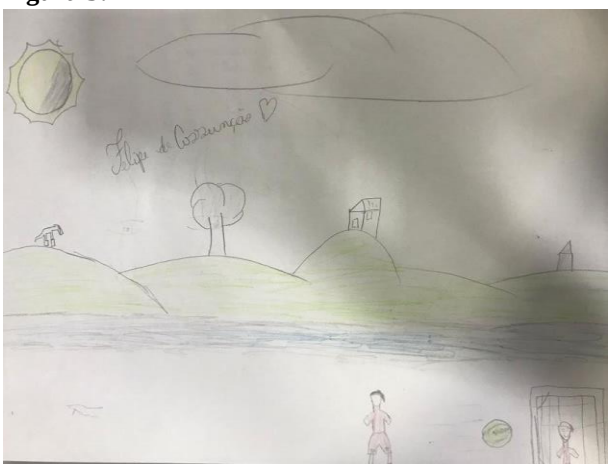


Fonte: Lara Crystine (2022).

Nessa imagem acima, o aluno produz uma frase motivacional para com o colega de outra turma. Mas o que chama a atenção é que ele está representado por uma árvore. Quando questionado justificou o desenho da árvore por ser algo que ele goste. O aluno é morador de zona rural, vive em uma fazenda próxima, o que talvez esclareça. Porém, podemos também analisar a sua ausência pelo fato dele ter medo de se expor e não querer mostrar quem ele seja.

Ou ainda que inconscientemente, este aluno tenha associado o sentimento de tristeza de seu amigo com a destruição da natureza que costuma ocorrer constantemente ao nosso redor e mesmo assim, mantemos a esperança em mantê-la viva. Dessa forma, com base na produção, o aluno simboliza a resistência, em manter-se em pé, erguido e deseja forças ao outro. É como uma voz ecoada diariamente, com a intenção de oferecer proteção, porém, não passam de palavras sem ações efetivas.

Figura 3:



Fonte: Lara Crystine (2022).

Já na imagem 3, a criança retrata um momento feliz vivido, desenhou um momento vivenciado por ele e outro colega representado por um jogo de futebol, um espaço retratado pela natureza e casas, e como o próprio aluno explicou, ele descreveu um lugar bonito por ser uma pessoa feliz. Na sua imagem a única linguagem verbal foi o seu nome escrito e a paisagem desenhada denuncia que sua felicidade é a liberdade, é um jogo, um amigo, sua casa, seu espaço, seu lar, o campo de futebol, um cachorro. Verifica-se, a simplicidade na imagem que euforicamente sorri.

Todo aluno independente de sua produção ser próxima ao contato com situações estereotipadas ou não, carece de direções quanto ao respeito, aceitação e compreensão acerca de seus direitos. O aluno precisa ter autonomia em sua escrita, compreender aquilo que ler e ter um lugar de fala para expressar seus pensamentos e sentimentos. Por isso, a necessidade de

atividades que promovam uma reflexão sobre a realidade que permite o leitor ver melhor o mundo, vivenciando de fato a prática no contato com o texto tendo suas próprias experiências pessoais.

No nosso segundo encontro houve primeiramente uma pequena socialização na entrada, cada aluno recebeu um cartão com um meme, a maioria já conhecidos pelos estudantes. Durante o primeiro contato teve risadas e mais risadas. Após, realizamos uma roda de conversa da seguinte forma; cada aluno era responsável por explicar o meme. A maioria apresentou dificuldades na leitura do material escrito, mesmo com a ajuda da linguagem não verbal que vem associado aos memes.

Em seguida, realizamos algumas explicações acerca do gênero textual e fizemos associações com alguns vídeos viralizados no mundo midiático que acabaram virando ferramentas para propagação de mais memes. Após, efetivamos uma dinâmica chamada por nós como “Produza, você é capaz!”. Ela consistia no aluno criar um meme sobre bullying.

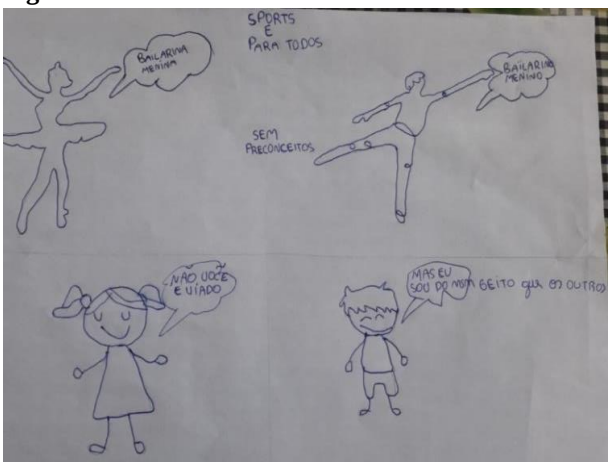
Nesta atividade colocamos formações em duplas para a produção do material escrito proposto, e ao final do horário percebemos que nem todos os alunos concluíram a atividade, a maioria justificou falta de criatividade. Em suma, retiramos esta produção da figura 4, logo abaixo para análise. E com base no meme produzido é possível observar, que os alunos utilizaram a temática da inclusão versus padronização social, estereótipo do que é ou não é aceito na sociedade, ou dito como normal ou “anormal”. Eles empregam a seguinte oração como título “Esporte é para todos” em paralelo ao discurso que predomina em nosso meio social, que o balé é um esporte feminino.

Assim, "[...] os textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza” (KOCH, 2007, p. 26). E é perceptível na produção analisada o intuito de quebrar paradigmas, desinibir preconceitos e fazer a integração de homens nesse grupo social, sem necessariamente ser importunado por seu gênero.

Como dito anteriormente, o professor ao direcionar essas atividades pode criar tabelas com os principais desvios verificados pelos alunos e trabalhar com tarefas coletivas e interativas sem interromper o processo de criação quanto a escrita do aluno. Contudo, o professor não deve deixar engavetado em seus armários as palavras “geito” e “msm”, pois, deixará de desenvolver um belíssimo trabalho sobre oralidade, escrita midiática, entre outros fatores linguísticos.

Como se observa, os alunos construíram um discurso muito importante, pois faz uma crítica, visto que são vozes de adolescentes em fase de descobertas, ou seja, são mentes pensantes e atuantes que necessitam de seu lugar de fala. Assim sendo, hoje meme produzido em sala, amanhã meme viralizado na rede virtual, com um detalhe: não será pejorativo e sim, reflexivo.

Figura 4



Fonte: Jasiane Fernando (2022).

No nosso terceiro encontro realizamos socialização com algumas perguntas sobre o dia a dia deles e perspectiva de futuro, apenas uma conversa para aumentar o vínculo de afetividade para com a turma. Assim, iniciamos a nossa aula com o auxílio de data show e respectivamente com a exposição de memes atuais e que estão em grande escala na internet, explicando a eles os sentidos atribuídos nesse novo produto cultural.

Como resposta aos memes de tons humorísticos eles sorriram bastante, foram perceptíveis então como eles estão atualizados nesse gênero, porém, expusemos também propositalmente memes de cunho racista, para verificarmos as reações deles. Porém, ninguém percebeu ou comentou a respeito, só foram notar com a presença de nossas explicações. E concordaram com as leituras. Em seguida, abordamos novamente sobre bullying e sobre empoderamento, a enaltecer cada um na sala com suas particularidades e habilidades.

E por conta da semana da Consciência Negra os alunos a todo o momento voltava-se a manifestar reações e falas a respeito de ser negro na sociedade. Também teve posicionamentos acerca de ser obeso, magro, alto (todos os fatores associados a padrões de beleza) e ser pobre, e como tais características físicas ou sociais gerarem memes “ofensivos”, relatando assim casos em que eles já vivenciaram em seus cotidianos.

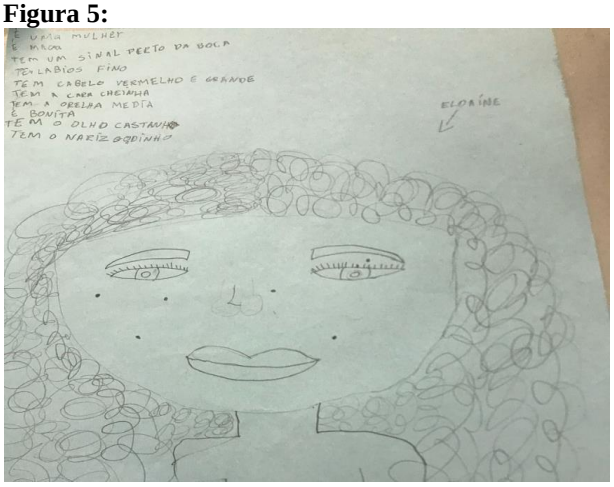
No quarto encontro trouxemos mais um momento de sensibilização com um diálogo sobre memes e bullying associado ao empoderamento. Logo em seguida realizamos uma roda de leitura, cada um deles novamente seria responsável por um meme e teriam que explicá-lo. Desta vez a participação da maioria deles revelou-se com domínio e aqueles que sentiram dificuldades foram por desconhecer o contexto das entrelinhas dos memes.

No nosso quinto momento, abordamos a importância da escrita e da leitura. Analisamos utilizando a lousa, a existência da diferença entre a nossa fala e escrita. Fizemos paralelo com a escrita do aplicativo WhatsApp e em correlato foi abordado temáticas discursivas que são voltadas para o bullying.

Logo após essa socialização solicitamos que cada um teria que descrever um colega e suas características pessoais que o definiam. Observamos então que o mais interessante é que, mesmo sabendo que poderiam utilizar informações comportamentais ou psicológicas, eles se concentraram apenas no físico do sujeito, nos fazendo refletir como a extrema importância aos padrões impostos socialmente causam efeitos em todos os indivíduos.

Como se observa na imagem 5, o aluno analisa o colega a observar as partes do corpo, como por exemplo constatou como o rosto da colega a sua beleza, e enfatizou o seu perfil físico a enaltecer a beleza da colega, mas não teve a sensibilidade de analisar está com relevância de seu papel como amiga, ou ainda sua personalidade no âmbito escolar.

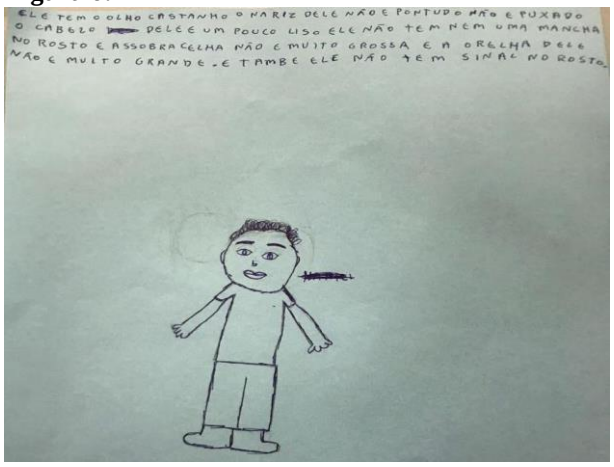
Figura 5:



Fonte: Lara Crystine (2022).

Assim, o mesmo ocorre com a produção abaixo, a imagem 6. O aluno analisa seu colega levando em consideração os mesmos critérios da análise anterior. Foco em características físicas, como se observa, o olhar, o nariz, cabelo, sobrancelhas, entre outros. Nessa produção sem adicionar possíveis pressupostos voltada a laços afetivos, este expõe somente as partes físicas que qualquer pessoa possui.

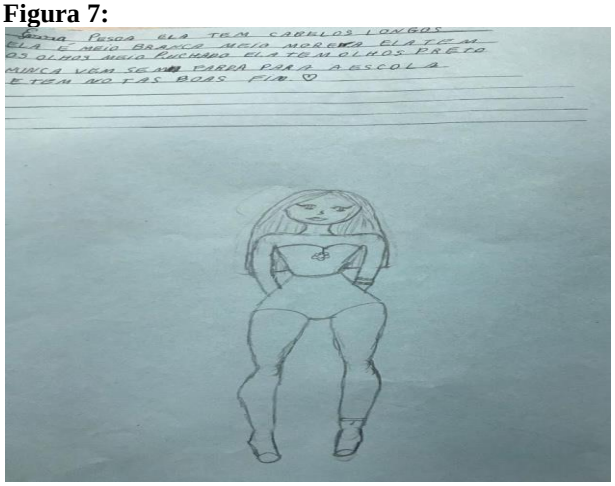
Figura 6:



Fonte: Jasiane Fernando (2022).

Já na imagem 7, o aluno teve um olhar diferente sobre o colega, citando todas as características físicas, fazendo questão de citar também o fato de a colega não ir sem farda para a escola e de ter notas boas, o que é muito interessante. Pois, ele teve a curiosidade de perceber a colega como sendo uma pessoa esforçada e estudiosa, e era justamente o nosso objetivo, fazer com que eles percebessem além do que os olhos podem enxergar, isto é, que os padrões são ditados pelo meio social e que existe características mais importantes no ser humano além de julgamentos estereotipados em nossa cultura.

Figura 7:



Fonte: Lara Crystine (2022).

Durante todo o percurso da pesquisa notamos que as crianças estão em processo de aquisição da escrita normativa, já que, como se percebe, elas escrevem como falam, ou seja, muitos dos alunos não fazem o uso da norma culta, assim como também, não fazem uso de pontuações adequadas. Contudo, apresenta compreensão acerca dos textos estudados, domínio aos conteúdos expostos e conhecimentos de mundo.

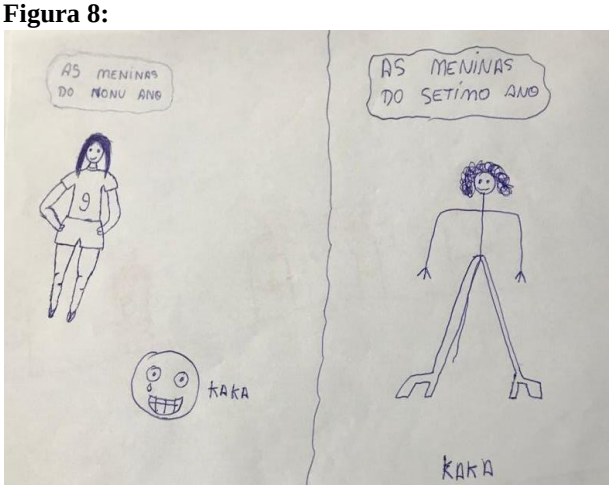
É por isso, que validamos a colocação de Marcuschi (2008) que legitima as possibilidades que os professores criam em sala de aula para favorecer o ensino aprendizado do aluno. Assim, "[...] devemos criar situações reais com contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção textual incluindo sua circulação, ou seja, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores" (p. 213).

No sexto encontro e último momento entre pesquisados e pesquisadoras não aconteceu direcionamentos ou orientações. Teve uma dinâmica "Complete o meme" em que o aluno associaria a imagem- linguagem não verbal a linguagem verbal. Foi muito divertido, pois dividimos em grupos composto por cinco pessoas. Aquele que formasse mais rápido os memes ganharia a competição. E para finalizarmos, solicitamos que eles produzissem seu próprio meme, só que observando outros memes já existentes, ou seja, utilizando a reescrita, assim, com estas referências, e com base em nossos momentos anteriores de estudo os alunos produziram seus memes.

Nesta atividade percebemos que o entendimento produzido por eles é com base em suas inferências, conhecimento de mundo e ao que foi aplicado em sala de aula. E ao analisar tanto a linguagem verbal como a não verbal verifica-se que os estudantes souberam manusear como facilitadores textuais. Assim, como inferimos as marcas discursivas presente em suas escritas. Indicações essas que denotam as vozes que se escondem em seu dia a dia e que no texto tem autonomia de se ter seu lugar de fala.

O texto torna-se um espaço legitimador, são as vozes apreendidas pela insegurança, pela ausência de pertencimento e pela falta da crença em si mesmo. Assim sendo, aqui o texto legitima cada um deles numa só coletividade.

Figura 8:



Fonte: Lara Crystine (2022)

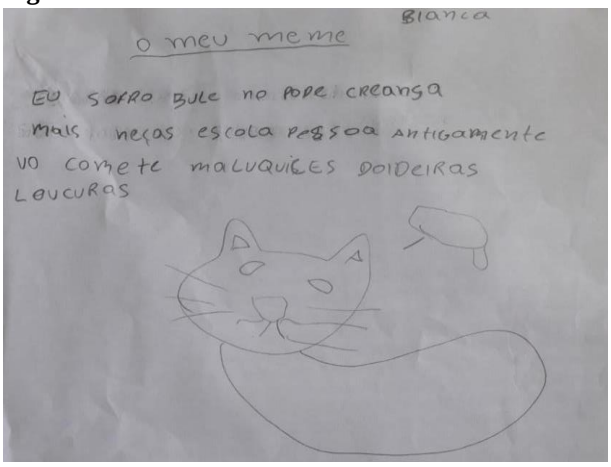
Desse modo, na figura 8, verificam-se, dois espaços, em que ambos estão relacionados a padrões de beleza. Os alunos com o uso da linguagem verbal e não verbal, trouxeram a exposição do que a sociedade enxerga como belo ou não. São estigmas perpassados desde o seio familiar até o meio escolar. A produção declara que a menina ainda em formação para tornar-se uma mulher possui pernas finas sem as curvaturas pertencentes às meninas mais velhas.

A compreensão da escrita só é possível com o paralelo ocasionado pelas imagens. Assim, temos uma mensagem clara, objetiva e apelativa. Visto que, intencionalmente temos a diminuição e o menosprezo às meninas de série inferior, enaltecendo as de série posterior a deles. Um ato claro de bullying proposital.

Mesmo que não seja uma narrativa esperado por nós, pesquisadoras, temos que ter consciência que as produções de nossos alunos são resultados de suas vivências e não podemos simplesmente barrá-las e sim direcioná-los a uma escrita que não ocupe a dor de ninguém. E como Solé (1998) afirma, "[...] alguém que assume responsabilidade em seu processo de aprendizagem é alguém que não se limita a responder às perguntas feitas, mas que também pode interrogar e se auto interrogar" (p. 110).

Isso quer dizer, que este aluno é um ser reflexivo e sua produção seja esta: mostrar as feridas que um padrão ocasiona. Ou seja, a escrita do próprio sujeito o trouxe para um momento de indagação, de reflexão.

Figura 09:



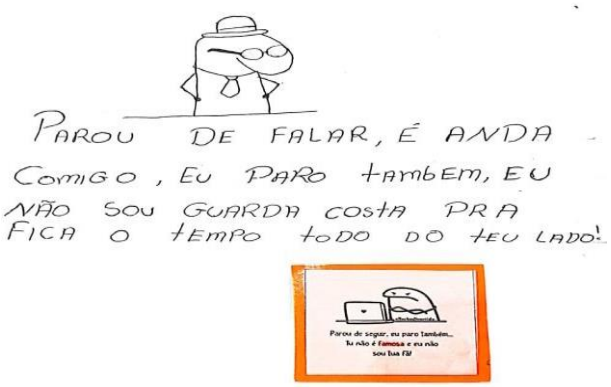
Fonte: Jasiane Fernando (2022).

Nesse meme acima da figura 09, observa-se, que o aluno expressa através dos seus escritos sentimentos de inferioridade, por informar que está sofrendo *bullying*, a expressão no seu desenho é de um gato aparentemente triste e confuso. Como se pode perceber o aluno consegue concretizar o entendimento para com a sua a mensagem. Apesar, de sua escrita ainda

ser hermética, o que ainda dificulta pela ausência de pontuações, e outros fatores linguísticos que poderiam ser avaliados e deixar de lado esta produção.

Porém, este aluno teve a coragem em participar, produzir textos e ter posicionamentos acerca de textos de outros colegas de sala de aula. Assim sendo, este estudante fornece a compreensão textual necessária para concluímos que a qualquer momento este gatinho que pode representar qualquer um, está apto a cometer loucuras, pois está sendo rotulado de alguma forma, e consequentemente isso está o oprimindo.

Figura 10:



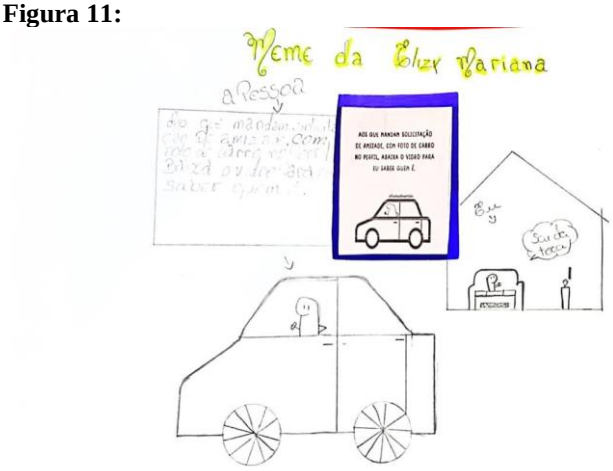
Fonte: Jasiane Fernando (2022).

No meme acima é possível observar a reescrita com traços semelhantes do original, diferente dos anteriores analisados que criaram seus memes sem referência dos memes utilizados em sala. Assim, como também, teve alunos que apenas copiaram o meme existente lançando como recurso nada além da codificação, uma simples cópia.

Já na produção 10, o aluno faz uma reescrita do meme, que tem escrito “parou de seguir, eu paro também... Tu não é famosa e eu não sou teu fã”, esse aluno não teve dificuldades para escrever seu meme. O educando faz uso da ironia utilizando a linguagem mista, o que fornece clareza ao texto.

É possível encontrar também traços da oralidade, como por exemplo, a falta de pontuações e a adequação na concordância verbal. O que de certa forma é marca desse gênero textual, são marcas discursivas que legitima este sujeito da sala de aula e que posteriormente em outro momento o professor pode desenvolver direcionamentos na escrita acerca da normatividade da língua. E como afirmam Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018), “[...] a oralidade é determinante para a composição de nossa identidade. Não apenas de nossa identidade pessoal, mas também de nossa identidade de grupo. E, [...], ninguém pode ter sua identidade negada” (p.17).

Figura 11:



Fonte: Jasiane Fernando (2022).

Na produção da figura 11, no meme entregue é “aos que mandaram solicitação de amizade, com foto de carro no perfil, abaixa o vidro para se saber quem é”. A escrita do aluno foi “aos que mandaram solicitação de amizade com foto de carro no perfil, baixa o vidro para eu saber quem é”. O aluno apenas reescreveu o texto do meme utilizado, não conseguiu fazer a proposta de através do meme original, fazer a criação do seu, ou pelo menos utilizar sinônimos ou parafrasear.

Figura 12:

Fonte: Jasiane Fernando (2022).

Na imagem 12, o aluno mesmo direcionado não teve desenvolvimento quanto a sua produção escrita, apenas fez a pergunta, e no meme o texto era o seguinte, “como pode frutos do mar, se no oceano não tem árvores?”.

Quer dizer, que numa aplicação de projetos, pesquisa desenvolvida nunca terá 100% de resultados positivos e ainda mais por conta de nosso pouco tempo em sala. Mas a nossa proposta é válida a reescrita, dinâmicas tradicionais com as rodas de leituras com gêneros que são inicialmente do convívio deles para posteriormente adentrar aqueles que são cobrados

na rede escolar, nos livros didáticos. E claro, sempre levando em conta a construção desse sujeito que é o meu aluno.

O meme pode possibilitar isso, pois é algo que está no dia a dia deles, principalmente no de quem tem um acesso frequente a internet, pois é na internet que eles se encontram de fato com essa realidade comunicacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de um texto envolve complexo saberes, ao longo da pesquisa buscou-se salientar como o letramento, a escrita, a reescrita e os gêneros textuais têm uma bagagem grande na vida cognitiva de um indivíduo. São saberes importantes e que com esse estudo, pode-se perceber que fazem uma grande diferença, quando aplicados de forma correta dentro da rede de ensino.

Os momentos em sala de aula foram fatores primordiais para poder validar o que estava no papel, observa-se que os baixos níveis na condição de desenvolvimento da alfabetização brasileira estão ligados ao fato de não são tratados de forma adequada as questões relacionadas ao ensino da escrita e leitura.

O letramento e reescrita, foi o assunto analisado e posto na sala de aula, como estratégia para avaliar as dificuldades que os alunos apresentam no seu dia a dia enquanto ensino aprendizagem. Dessa forma, as atividades dirigidas foram bastante promissoras para se entender que podem de fato ter melhorias, desse modo, existe a possibilidade de compartilhar novos conhecimentos e também obtê-los.

O desfasamento na aprendizagem é causado por muitos fatores sociais que precisam ser trabalhados, são eles: a dificuldade em se comunicar em sala de aula, o sentimento de inferioridade; como o bullying, pessoas marginalizadas socialmente, culturalmente, que possuem um acesso restrito a informações, temáticas complexas que precisam ser trabalhadas.

A reescrita pode e deve ser trabalhada para dar novas visões ao meio escolar, é através dela que o educando poderá desenvolver melhores níveis de interpretação, ele vai conseguir desenvolver também seu senso crítico, sua comunicação, e vai conseguir escrever melhor, fazendo uso da norma culta e de todas as regras gramaticais.

Assim sendo, procurou-se através dessa pesquisa apresentar uma proposta para ressignificar o letramento e apresentar possíveis soluções para superar os problemas encontrados na escrita e no desenvolvimento cognitivo dos estudantes no ambiente escolar.

Portanto, o letramento é um caminho importante e de grande valia para que a sociedade se desenvolva, pessoas letradas além de terem facilidade de se comunicar, conseguem interpretar, julgar, questionar e fazer crítica aos problemas sociais encontrados na sociedade. É através do letramento que causas necessárias poderão ganhar legitimidade além do muro das escolas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. 2009. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI JR, Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar.** São Paulo: Parábola, 2018.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Educação 2012: **pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras.** São Paulo: CGI, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia do Oprimido**. 64 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 253 p.

FIAD, Raquel. **Escrever é reescrever: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2006.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. **Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula**. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, JoséAloyseo. A motivação do aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo, Cortez, 2007.

KRAMER, S. Carta a uma professora falando sobre escola e cidadania. *In*: **Alfabetização: leitura e escrita** – formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2001

Ludke, Menga. Ludke, Marli E.D.A. André. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI. L.A. (2005). **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Paarábola Editorial, 2008.

MACHADO, A.R.; CRISTOVÃO, V.L.L. 2009. **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros.**

MINUZZI, Crislaine; FACHIM, Paulo Cesar. **Estudo sobre a língua e Linguagem: Considerações.** 2012.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SILVA, Isadora da Silva. **Alfabetização e Letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** Ufrb, 2018.

SILVA, Nilceia de Paula da. TULLIO, Cláudia Maris. **Gênero Textual Conto - Uma Forma de Comunicação e Expressão.** 2016.

SILVA, E. T. da**. Leitura & realidade brasileira.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

SOARES, Magda. **Letrar é mais importante que alfabetizar**. 2008, pg.45.

SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOLE, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artemed, 1998

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SPIVAK Gayatri Chakvorty. **Pode o subalterno falar?** 1. Ed. Trad.Sandra Regina Goulart Almeida: Marcos Pereira Feitosa: André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

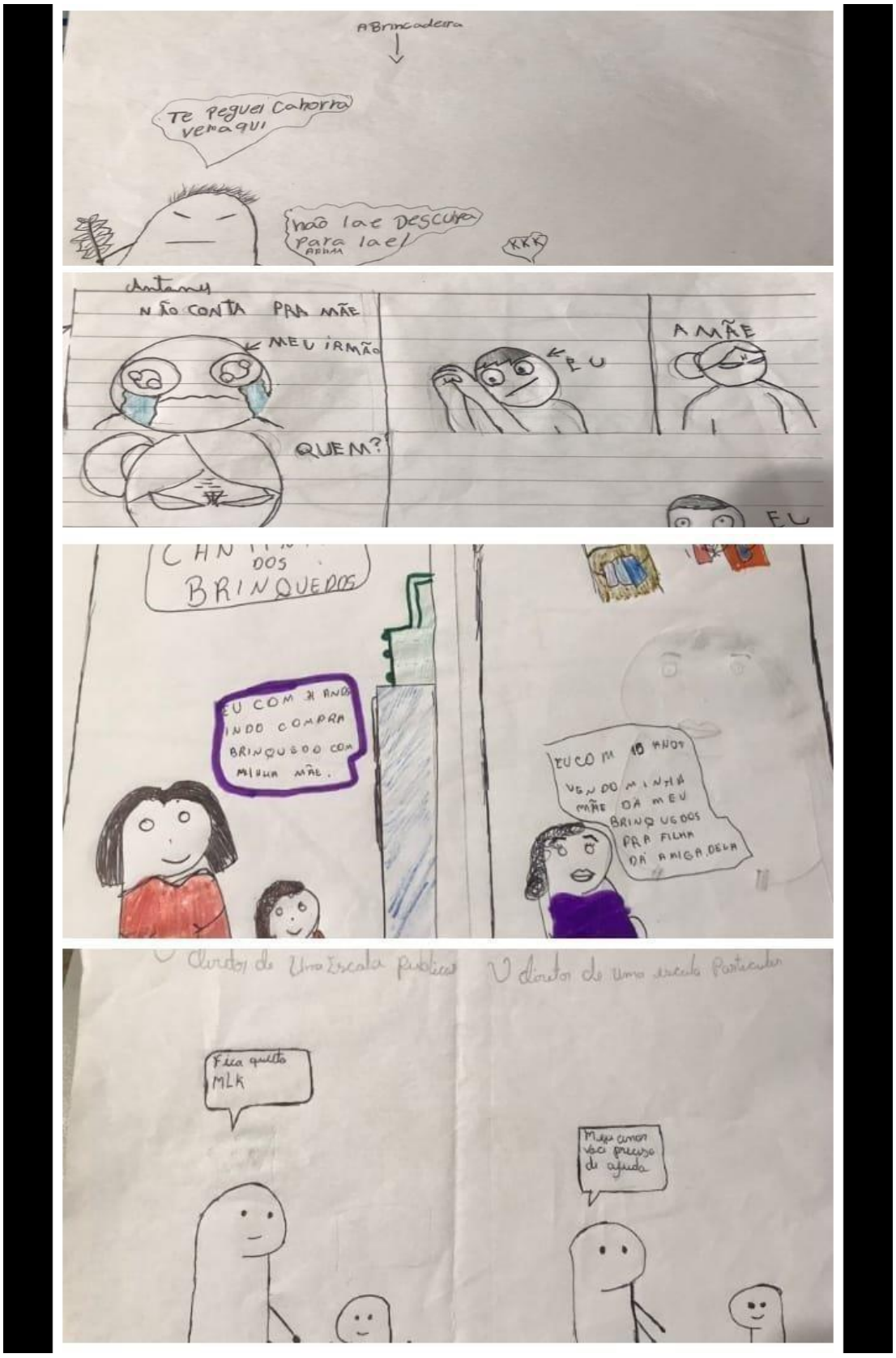
SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. New York: Cambridge University Press, 1990.

APÊNDICES

APENDICE A – IMAGENS EM SALA DE AULA, NA ESCOLA TÂNIA LEITE

APÊNDICE B – IMAGENS EM SALA DE AULA, NA ESCOLA TÂNIA LEITE

APÊNDICE C – IMAGENS EM SALA DE AULA, NA ESCOLA TÂNIA LEITE



APÊNDICE D – IMAGENS EM SALA DE AULA, NA ESCOLA TÂNIA LEITE

APÊNDICE E – IMAGENS EM SALA DE AULA, NA ESCOLA TÂNIA LEITE